

O “EU” IDÊNTICO DE LEPÊ CORREIA E A ARTE DE DESENHAR-SE

■ SEVERINO LEPÊ CORREIA

 <https://orcid.org/0009-0003-1737-6880>

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Este artigo objetiva demonstrar como a arte pode se relacionar com a narrativa na construção de uma escrita de si, no espaço do desenho, do conto e da fotografia, reeducando o olhar do indivíduo que se desenha, reconstruindo sua história. Assim, colocando meu corpo como parte essencial da minha experiência, amplio a relação do meu “Eu” Idêntico com outros “eus”, mediado pelas formas que traço, que narro e desenho, dando sentido às histórias da minha vida e dos que me encontram, na medida em que as imagens performam a composição do que me torno, enquanto (auto)biografado, objetivando fortalecer nossas identidades. Desenhos em lápis, nanquim e esferográfica e lápis cera, telas a óleo, e uma imagem fotográfica compõem este trabalho que tem como pano de fundo “Nego Zau”, um conto-crônica, que funciona como espaço-esteira, no qual se desenvolve a trama do artigo em diálogo com o texto da pesquisadora De Oliveira (2021), sobre o trabalho da professora Delory-Momberger, que faz a arte dialogar com o processo (auto)biográfico, através de seu conceito de *automedialidad*, que carrega o elemento espaço como fundamento para a (auto)biografização.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica. Automedialidad. Desenhar-se. Educação.

ABSTRACT

THE IDENTICAL “I” OF LEPÊ CORREIA AND THE ART OF DRAWING YOURSELF

This article is the result of one of the chapters of a thesis of an (auto)biographical and aims to demonstrate how art can relate to narrative in construction of a self-writing, in the space of drawing, storytelling and photography, reeducating the look of the individual who draws himself, rebuilding his history. Like this, placing my body as an essential part of my experience, I expand the relationship of the my “I” Identical with other “I’s”, mediated by the ways that I trace, that I narrate and drawing, giving meaning to the stories of my life and

those who meet me, as in which the images perform the composition of what I become, while (self) biographed, aiming to strengthen our identities. Pencil drawings, India ink and ballpoint pen and wax pencil, oil canvases, and a photographic image, make up this work that has “Nego Zau” as its background, a short story, which works as a space-mat where the plot of the article develops in dialogue with the text of the researcher De Oliveira (2021), on the work of professor Delory Momberger, that makes art dialogue with the (auto)biographical process, through its concept of Automedialidad, which uses the space element as a foundation for the (self)biography

Keywords: (Auto)biographical research. Self-mediality. Drawing. Education.

RESUMEN **LO “YO” IDÉNTICO DE LEPÊ CORREIA Y EL ARTE DE DIBUJARSE**

Este artículo es el resultado de uno de los capítulos de una tesis de propósito autobiográfico y tiene como objetivo presentar como el arte puede relacionarse con la narrativa en la construcción de una escrita de sí, en el espacio del dibujo, del cuento y de la fotografía, reeducando el mirar del individuo que se dibuja, reconstruyendo su historia. Así, poniendo mi cuerpo como parte esencial de mi experiencia, extendiendo la relación de mí “Yo Idéntico con otros “yos”, mediado por las formas que trazo, que narro y dibujo, dando sentido a las historias de mi vida y de los que me encuentran, en la medida en que las imágenes se mezclan la composición de lo que me torno, mientras autobiografado, objetivando fortalecer nuestras identidades. Dibujos en lapicero, bolígrafo de tinta nanquín y común y crayón de cera, óleo sobre lienzo, y una imagen fotográfica, constituyen este trabajo que tiene como pantalla de fondo “Nego Zau”, un cuento-crónica, que funciona como espacio donde se desenvuelve la trama del artículo en diálogo con el texto de la investigadora De Oliveira (2021), sobre el trabajo de la profesora Delory-Momberger, que haz el arte dialogar con el proceso autobiográfico, a través de su concepto de Automedialidad, que carga el elemento espacio como base para la autobiografización.

Palabras clave: Investigación (auto)biográfica. Automedialidad. Dibujarse. Educación.

Introdução

Um fotógrafo esperto pode selar um destino. E ele fora perfeito ao captar com suas lentes aquele rosto assustado, olhando para trás. Foi o que todos viram na página do Diário da Manhã. A prova estava ali [...] (Correia, 2015, p. 145).

O texto sistematiza resultados da pesquisa de Correia (2023) e tem como objetivo demonstrar como a arte pode se relacionar com a narrativa na construção de uma escrita de si, no espaço do desenho, do conto e da fotografia reeducando o olhar do indivíduo que se desenha, reconstruindo sua história.

A epígrafe é uma rocha onde se apoia o nascimento deste trabalho. Corresponde ao trecho inicial do conto “Nego Zau”, que escrevi em 2015 para o volume 38 da coletânea de contos afro-brasileiros: *Cadernos Negros*, onde as lentes de um fotógrafo são determinantes para fazer o desvio de uma trajetória a partir de um *clic* construtor de uma realidade, congelando o destino que passa a ser desenhado pela imagem capturada, principalmente no cotidiano dos negros urbanos do Brasil, descrito no conto-crônica supracitado, que servirá como narrativa norteadora deste trabalho, reconhecido como de tom ensaístico.

“Eu” Idêntico provém de uma observação conceitual construída por Weis-Bomfim, ao afirmar que: “a maioria dos poemas e contos parte da primeira pessoa, de um ‘eu’ idêntico com o autor que articula claramente as posições dele. Através de formulações frequentes como ‘meu povo’, ou ‘nós’, estabelece uma comunicação com os leitores negros, que são o seu público-alvo primordial” (Weis-Bomfim, 2011, p. 136). Então, este texto, numa perspectiva ensaística, tem a ousadia de apresentar o desenhar-se do meu “Eu” Idêntico a partir de “garatujas”, pinturas e fotografias.

Ciente de que parte do que escrevo tem como porto de partida eu mesmo, mas sempre

em relação com os outros, vi reforçada “uma maneira africana de viver – para nós da tradição – onde o corpo de um indivíduo é tomado como parte do corpo da coletividade” (Correia, 2023, p.25). Assim, embasado pela perspectiva do verbete (Weis-Bomfim, 2011), apropriei-me do termo “Eu Idêntico” e fiz questão de que entrasse para compor, também, o título deste artigo, articulando-me com outros ramos da arte nos quais também tenho ofício, como o conto, o desenho, a fotografia e a pintura.

Os desenhos e pinturas contidos no transcurso deste ensaio automedial foram produzidos por mim desde o começo da década de 1980, usando nanquim, caneta esferográfica, tinta a óleo, aquarela, em diversas qualidades de superfícies em momentos de minha trajetória de vida.

Embora tais desenhos e pinturas não tenham sido produzidos para este ensaio, estes fazem parte de meu acervo, como disse anteriormente, executados e até serigrafados para ilustração de camisetas, canecas, *nécessaire*, ou ornamentar minha casa. Exceto o autorretrato, Figura 1, que produzi especialmente – sugestão do meu orientador – para ser o “abre-alias” da citada tese, defendida em março de 2023, e o Autorretrato 2, que decidi colocar no final, para dar um tom de continuidade de mim. Foi uma maneira que encontrei para dar início, de uma outra maneira, à narrativa de mim mesmo, desta feita, utilizando-me da arte de desenhar-me.

Para a seleção das imagens, inicialmente obedeci ao mesmo critério de escolha para os Autorretratos 1 e 2 (Figura 1 e 17), utilizados para a tese: abertura e encerramento, como descrito acima. Por compreender que a extensão mais próxima do meu “Eu” Idêntico responsável foram as minhas duas primeiras crianças, tirei de uma antiga pasta, espécie de arquivo pessoal, a foto em que apareço com o casal. Espalhando várias imagens sobre a mesa, soli-

citei à minha companheira junto com a minha filha mais nova que escolhessem apenas 13, entre todas, a partir de 1980, que foi o início de minha fase de pintar e desenhar mais forte, e não esquecessem de uma representação para o “Nego Zau” (Correia, 2015).

Ao ver que tudo isso tinha como base documental o conto-crônica “Nego Zau”, uma narrativa sobre a vida da maioria dos negros urbanos, na qual está enquadrada, também, a vida desenhada desse meu “Eu” Idêntico, era preciso uma figura forte. Início, portanto, com lembranças de Dona Benedita, a mulher que me pariu e com sua “rede” na cabeça ou seu turbante, me ensinou a cantar, escrever e disse que eu era um desenhista. Daí em diante passei a escolher figuras que pudessem contracenar com o conto e ao mesmo tempo abrissem precedentes para a expressão de minha espiritualidade, performassem minha ironia, reflexões filosóficas, existenciais e que também me dessem a chance de contribuir com o campo da pesquisa (auto)biográfica.

Nesse contexto, entremeado pelos desenhos e contos, este ensaio está dividido da seguinte forma: a introdução, na qual expus os motivos e os breves procedimentos da pesquisa original e deste texto; uma seção em que falo do encontro ocorrido com autoras da (auto)biografia; e finalizo dando a entender as minhas principais impressões de um discurso automediado pelos contos, crônicas e desenhos.

Um grande encontro

A professora Delory-Momberger desde 2015 “[...] tem construído trabalhos fotográficos com interesse em histórias pessoais e coletivas, memórias, numa busca de tentar ultrapassar o caráter fixo da imagem para entrar em contato com aquilo que está enterrado por detrás destas” (De Oliveira, 2021, p. 226). Considerando

esses aspectos, é que me proponho ao encontro de um autorretrato conforme Figura 1.

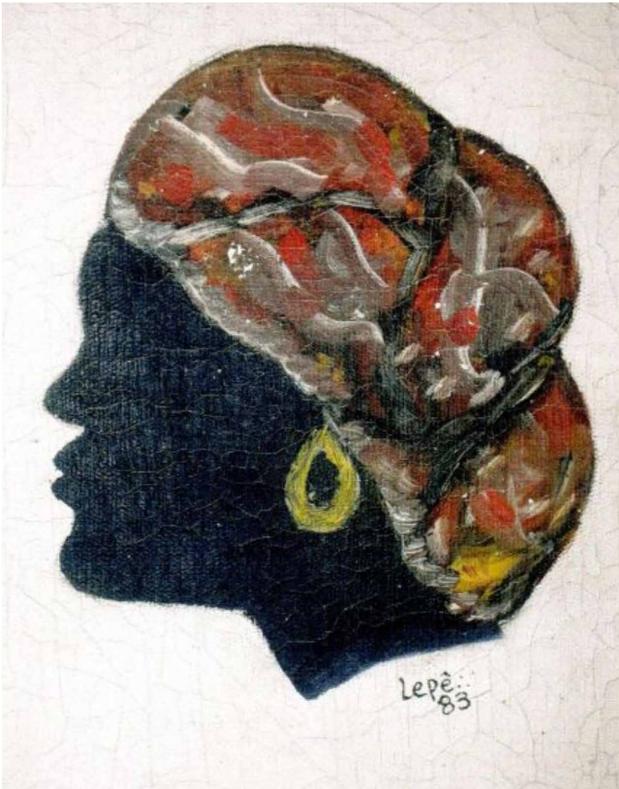
Figura 1 – Autorretrato 1



Fonte: acervo do autor.

Pintando com tinta a óleo sobre tela, no começo dos anos 1980, o “Eu” Idêntico de Lepê Correia, parafraseando De Oliveira (2021), já estava exercendo “[...] no espaço da imagem, [...] um processo de automodelagem que o sujeito faz em si, durante a ação criativa” (De Oliveira, 2021, p. 227). Com essa descoberta, senti que eu já estava engatinhando na direção dos estudos sobre a *automedialidad* de Delory-Momberger, como elemento constitutivo do processo (auto)biográfico, exibido na pintura a seguir.

A “Moça do turbante” é uma das minhas primeiras pinturas em tela no ano de 1983, buscando esse “Eu” Idêntico-pintor para retratar as belezas do que via nas ruas e nas reuniões do Movimento Negro. Está exposta em meu consultório, uma vez que o considero um

Figura 2 – Moça do turbante

Fonte: acervo do autor.

“Atelier de Emoções”. Nome do trabalho do psicólogo Paulo Hindemburgo, primeira pessoa a dar crédito ao meu trabalho e confiar em mim enquanto psicólogo, quando eu ainda era estudante, nos primeiros anos da década de 1980.

O interessante é que quando olho agora para essa gravura vejo que, na verdade, na cabeça da moça não está verdadeiramente um turbante dos que costumeiramente se vê, mas algo construído do modo como as mulheres mais antigas usavam na cabeça e chamam, ainda hoje, “rede”. Ela segura o volume dos cabelos tal qual uma touca hospitalar. Lembro que minha mãe usava algo com esse formato quando ia sair, para ficar bonita. Pelo menos, eu achava bonito.

É mesmo dinâmico o processo! De repente, eu esbarro com um trecho da minha história pessoal, já encontrando nos cabelos que não estão à mostra, os cabelos de minha mãe, que, acomodados na “rede de cabeça”, me

remetem a uma admiração da estética, como se eu estivesse recontando a história da tela que, depois de tanto tempo, sai da beleza das mulheres do Movimento Negro em busca da construção de novas histórias. Então, na verdade, sou eu quem está a se recontar na tela pintada; sendo também a leitura do que está sem ser dito: o outro lado, o que não se vê em várias situações.

Recontando-me como o fotografado do conto “Nego Zau”, por exemplo, observo a prova “retratada”, um condenado cuja sorte estava de costas quando de sua passagem pelo local: um posto de gasolina onde pessoas discutiam sem ver o que acontecia em volta. Logo, não perceberam o afastamento dos desferidores do ataque a um carro, naquele ponto estacionado.

Só ele viu. Mas não lhe dizia respeito. Estava passando para trabalhar, mas era o único negro nas proximidades, portanto, idêntico a todos os marginais. Atingido pelos olhares e depois por uma pedrada, a fama de bom corredor o tirou da rota da turba enfurecida e cega pela visão estigmatizada em relação aos de sua cor.

“É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles” (Delory-Momberger, 2014, p. 35). Esse domínio sutil dela (narrativa) sobre quem narra, busca e organiza fatos, também aconselha não mexer em desvantagens: morais e psíquicas. É essa organização que educa e fortalece as estruturas que serão capazes de dar suporte a esse indivíduo ou esse “Eu” Idêntico em reconstrução, redesenhando passo a passo suas lembranças e clarificando o vivido em suas experiências desenhadas, como o que narrarei em seguida.

Eu não imaginava que um desenho que retratasse amor pudesse conter tantas lembranças políticas e reflexões sobre solidão de pessoas que se abraçam. A Figura 3 a seguir

data de 1980, do final da greve de professores deflagrada em maio de 1979, no governo de Marco Maciel, em Pernambuco. Estávamos reivindicando aumento e melhores condições de trabalho, além de eleições diretas para presidente da República e diretores de escolas da Rede Oficial de Ensino.

Depois de muitos piquetes e fechamentos de 80% das escolas da Rede Estadual de Ensino, foi decidido em assembleia que iríamos acampar em frente à Secretaria de Educação, na Rua Siqueira Campos – centro do Recife –, onde passamos 52 dias, em “assembleia permanente”, sem banheiros químicos, nem filé mignon, sobrevivendo às custas do companheirismo e da nossa Associação dos Professores do Ensino Oficial de Pernambuco (Ape-nope), sob o comando do professor e ex-deputado Paulo Rubens Santiago.

Não era ainda Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (Sintepe). Na época, como punição, por ordem do governador Marco Maciel, Paulo Rubens foi demitido e o desconto da associação supracitada foi tirado da folha de pagamento do professorado.

No calor dessa luta política, conheci uma das bisnetas da grande cearense, Bárbara Pereira de Alencar (dona Bárbara do Crato), nascida em Exú, uma das poucas mulheres – a exemplo da negra Otília – a estarem na luta de 1817, para expulsar dessas terras o domínio português. Por coincidência ou não, a moça era aparentada do ex-governador Miguel Arraes de Alencar, que neste mesmo ano (1979) estava voltando do exílio. A ditadura estava no fim.

Tínhamos várias coisas em comum: ambos éramos Arraesistas (eleitores de Miguel Arraes), trabalhadores da educação, torcedores do Sport Club do Recife, além do Pereira, no nome da família; ela pela parte materna e eu, paterna. Não deu outra. Desse acasalar-se cheio de inspiração, após a greve, dese-

inho com esferográfica, numa tela para pintar a óleo, este casal representando, a meu ver, a ciência e a natureza – ela pós-graduada em Biologia e eu estudante de Comunicação Social e cantor das noites recifenses, para completar o salário de professor – engravidando a toda hora. Em 1980, o desenho vira tela a óleo, enfeitando uma das paredes do corredor da casa dela, onde morávamos.

Figura 3 – Acasalar-se



Fonte: acervo do autor.

A arte me fazia reconhecer meus estados de ânimo. Na casa onde morávamos, a coisa mais abstrata que tinha na sala era um desenho de Volponi com figuras geométricas cinza, amarelo, encarnado e azul bebê. Triângulos equiláteros e isósceles que, de cabeça para baixo, muito juntos, davam a impressão de bandeirolas. O restante eram as bochechudas de Renoir e as gordinhas com ancas a descoberto, ao lado de uma imitação de Di Cavalcanti.

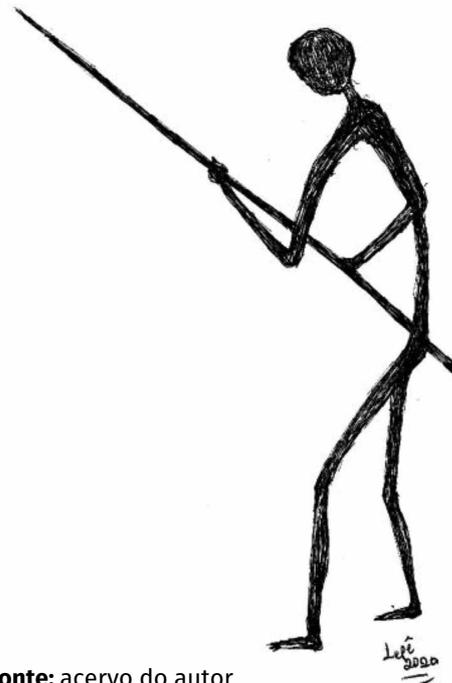
Depois que nosso filho nasceu, apareceu um novo retrato pintado. Por sinal, muito bonito, de uma criança negra com lágrimas caindo-lhe dos olhos. Não era chocante: só lágrimas de criança. Identifiquei-me muito, pois ali, só ela me representava. Até que chegou, no ano e meio seguinte, minha filha e esse casal maravilhoso (Figura 4), trouxe um outro desenho.

Figura 4 – Eu, Orun e Iyá

Fonte: acervo do autor.

Daí em diante não mais, na sala da casa, desenhanças de estranhos, mas o meu “Eu” Idêntico projetado em todos os recantos, a saltar e sorrir, representado por esses “eus” que chegaram para ocupar cada espaço com referências para a estruturação das minhas próximas etapas que seriam: ser espelho, sobreviver ao racismo e fortalecer o coração dos recém-chegados “eus” para enfrentarem o inevitável embate étnico-racial nas terras de Zumbi e de Solano Trindade.

Não desistir de si mesmo, nem de viver é a estratégia. A tática será composta de variados nuances e jogos de cintura. “Nego Zau” quase que escapole do galho, quase que leva fim, pois “passava a maior parte do tempo, olhando para o tempo, bêbado, naquele colchonete desfarrado, no chão frio” (Correia, 2015, p. 147), mas foi se utilizando dos ensinamentos aprendidos com os ancestrais pelos mais velhos, para podermos ocupar os interstícios deixados pelo poder, principalmente, com a lança nas mãos e olhos atentos que ele (“Zau”) compreendeu o que era a lança e para que servia.

Figura 5 – Mukuami (Lanceiro)

Fonte: acervo do autor.

Pelo que vejo, eu não estou fazendo nada demais escrevendo estas histórias. Apenas expandindo meu “Eu” Idêntico em mais um espaço de mim, visto que “o espaço não é um recipiente, mas parte essencial de nossas experiências” (De Oliveira, 2021, p. 228). Logo, aqui eu me reconstruo [...] “no espaço da imagem, da pintura, do texto [...], no espaço do processo de criação de um objeto sensível” (De Oliveira, 2021, p. 228). Isso é o que De Oliveira (2021) define como conceito de *automedialidad*, estruturado por Delory-Momberger, que tem o espaço como sua constituição e desenho da relação da arte com a (auto)biografia.

À proporção que vivencio este trabalho, meu “Eu” Idêntico vai reconhecendo sua história pessoal, tanto nas imagens fotográficas, quanto nas gravuras que foram traçadas junto com as lembranças e memórias, entrecruzadas com a literatura, que me ajudam a criar um mundo vivido, experienciado, a ser utilizado pela minha comunidade. Esse grupo, ao se mirar no espelho dessas artes, juntará também os seus arredores históricos e pode até se reeducar como aconteceu comigo com a constru-

ção da tese, com lágrima nos olhos ao me reconhecer no “Negu Zau”.

“Negu Zau” vivia a vários quilômetros de onde nascera, mas era limpo e cheio de educações. Lavava suas próprias roupas, de côcoras em frente ao quartinho em que morava, por trás da casa de dona Leta, a dona da “venda” mais sortida do bairro (Correia, 2015, p. 147).

A sorte mata o destino, ou o destino é a extensão da sorte? Não sei. Uma foto no jornal tem tanto poder de convencimento que às vezes desexplica uma trajetória e desvia um destino. Vivemos cercados da misteriosidade contida no viver e nas palavras. Assim vivia ou passou a viver o “Negu Zau”: no espaço do mistério. O inverso era verdadeiro. E os símbolos inseridos na Figura 6 nos mostra o mistério da mãe Terra. Esta figura representa o mistério.

Figura 6 – Kilemba



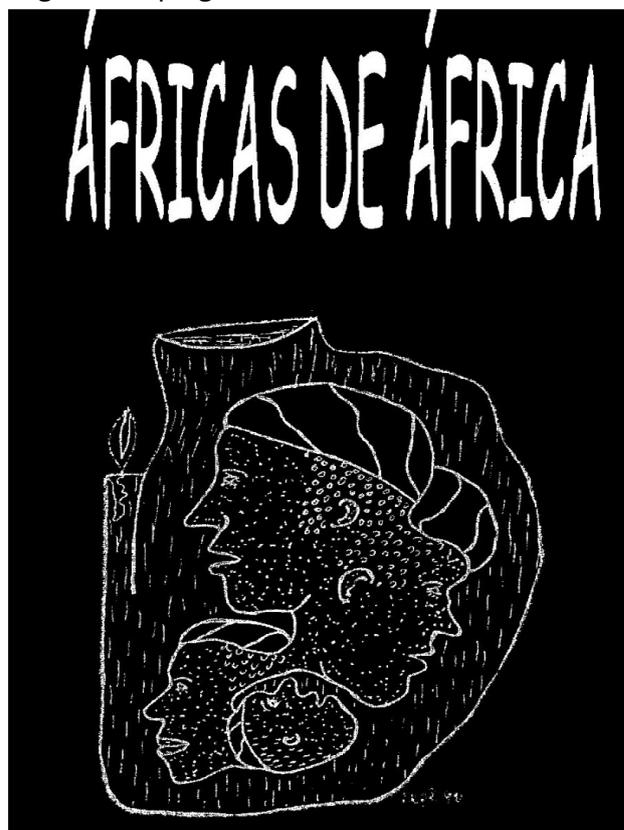
Fonte: acervo do autor.

A palavra *kilemba*, em Kimbundo, língua de Angola, significa “mistério”, dá destaque e faz refletir sobre os símbolos que nela estão contidos: a árvore como morada dos ancestrais; a fertilidade nas penas que caem; o olho como espreita da natureza; a cobra como surpresa na criação; e o tambor como evocação de tudo o que sai e volta para a terra com sua boca que tudo sabe, mas não gasta as palavras em vão.

“Como provinham de *Maa Ngala* para o homem, as palavras eram divinas porque ainda não haviam entrado em contato com a materialidade. Após o contato com a corporeidade, perderam um pouco de sua divindade, mas se carregaram de sacralidade” (Hampaté Bâ, 2011, p. 171). Logo, a palavra, a fala é divina e sagrada simultaneamente. O humano e divindade se encontram: um representa o que o outro gera. Por isso, “Negu Zau” falava pouco, dizia o essencial e se fosse conveniente

Figura 7 – Capa de livro I

Sagrada é a pergunta



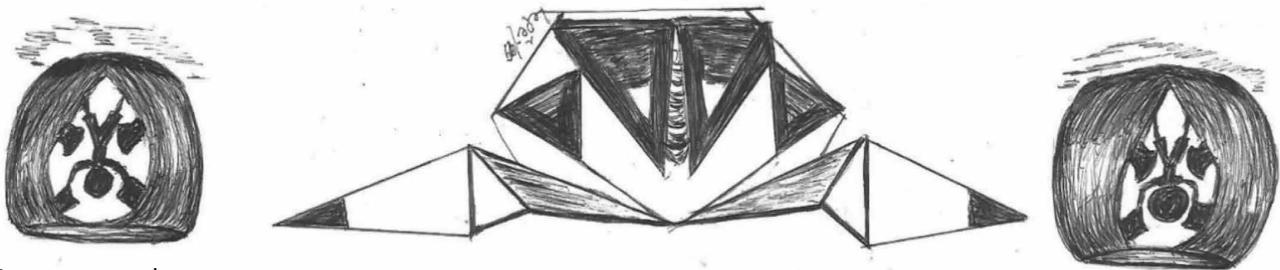
Divina é a resposta

Fonte: acervo do autor.

Assim, confabulando consigo mesmo, “Nego Zau” passava os dias, lendo folhas de revistas velhas, ou catando no lixo jornais para continuar informado. Para ele, notícia velha era a que já havia lido. “Se ainda não li é nova”, dizia ele, sempre encantado e cuidadoso com a limpeza do ambiente. Os pedaços dos jornais sempre iam para a lixeira. Como um homem de roupa surrada conseguia estar sempre limpo? “Compreender é, em primeiro lugar, compreender o campo em que nos fizemos e contra o qual nos fizemos” (Bourdieu, 2005, p. 15).

Em que grupo caberia Zau, em que grupo caberia este meu “Eu” Idêntico, se não tivéssemos a compreensão de que a educação era o único palco de onde poderíamos acenar aos nossos; a partir de onde poderíamos fincar o mastro e desfraldar o conhecimento em suas várias cores e matizes, convocando-os ao crescer convicto? A educação desenha nos espaços de nós o que seremos, sendo.

Figura 8 – Triângulos escalados



Fonte: acervo do autor.

Nossa construção pessoal é uma quase sempre que, montada em triângulos abre escalas, guardada por cães cujos olhos são sapatos de quem repousa de cabeça para baixo dentro de um pingo d’água (Figura 8). Eu não tinha muita coisa a fazer por aqui. É só risco, só traço. Já fui projeto, construção e, hoje, de mim, expansão.

“Representação mental, pré-escritural, o fato biográfico encontra a narrativa como sua forma de expressão mais imediata, a ponto de se confundir facilmente com ela” (Delory-Momberger, 2014, p. 35). Assim como o meu “Eu” Idêntico prefere narrar-se a si, como forma prudente de proteger nossa identidade, criou uma grande redoma de narrações acerca do jogo que nos assegurou poder continuar pulando para dentro, mesmo pelas brechas.

Ter escolhido o caminho das letras, me imprensado valorizando o grande circo da fala me fez, muitas vezes, ocupar o centro do palco

sem dizer nada, ou voar como águia cantando como outros pássaros em vários gorjeios. Esses gorjeios, reconhecidos até pelos ouvidos “idênticos” atentos dos d’além mar como “um dos nossos”, trazem-me de novo lágrimas aos olhos. Esta é a certeza de que a educação medializou meu *ine sawa-sawa*¹ (“Eu” Idêntico) nesta existência; facilitando-me a conquista de várias ferramentas. E como afirma Souza (2020), “[...] a construção histórica de um indivíduo se faz a partir de muitas clivagens, algumas das quais devotamos muito orgulho em nossa trajetória; outras, nem tanto. Porém, todas contribuem para a compreensão que temos de nós mesmos, de nossa subjetividade” (Souza, 2020, p. 353).

Tal reflexão pode se tornar caminho para o atingir da consciência de nós mesmos(as), se nos orgulharmos de ser sempre aprendizes da vida nas trocas sociais. A razão narrativa

¹ *Ine sawa-sawa* (“Eu” Idêntico) em Sena, Língua bantu falada pela etnia do mesmo nome – Moçambique, África.

pode ser tomada como uma âncora do ser atuante na sociedade para atingirmos esta consciência. Coisa não muito fácil, mas possível de executar se tivermos um instrumento que nos conduza pelos caminhos dessa compreensão e, além de tudo, tenhamos arte e coragem para encarar os eventos de nossa caminhada como contribuintes do que temos a contar.

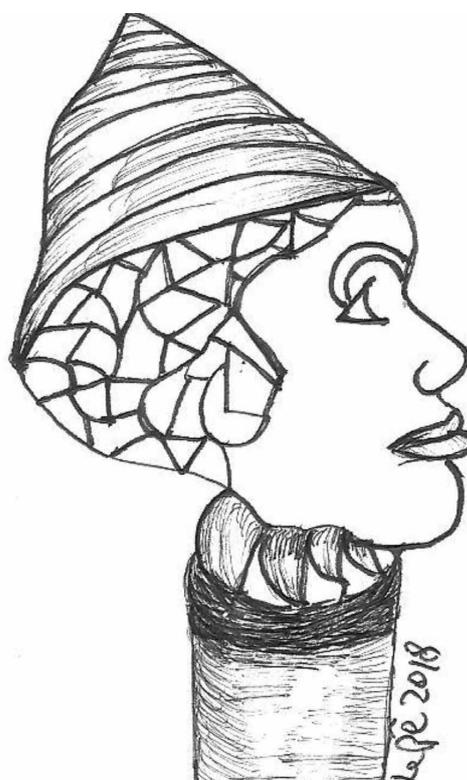
É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: “não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (Delory-Momberger, 2014, p. 33-34).

Cada um em seu tempo e à sua maneira, ou ainda, de acordo com os ventos e suas direções, épocas e meios sociais onde nos encontramos. Mas o que acumulamos diz muito, principalmente, de como nos relacionamos com nossos pares, nossos idênticos e contrastantes nos campos em que vivemos. Cada um vai traçando os caminhos de suas histórias, desenhando, pintando, dançando, discursando etc.

A maneira de escrever a trajetória diz respeito às épocas, costumes, culturas, praticidade e particularidades. Cada um de nós tem uma marca própria para se representar. A vida pode ser representada de várias maneiras no palco chamado mundo, podendo contar com várias representações nas formas de se biografar o viver.

“Nego Zau” representa uma infinidade de campos nas várias representações desses “eus” idênticos que salgam e/ou adoçam de acordo com as circunstâncias. Ele cumpre a função da medialidade enquanto conto, este conto que cumpre a veracidade não da prova, mas de tantos perseguidos, fugitivos e até aniquilados por “engano” estratégico.

Figura 9 – Rosto do mundo



Fonte: acervo do autor.

Figura 10 – Eu-Palhaço

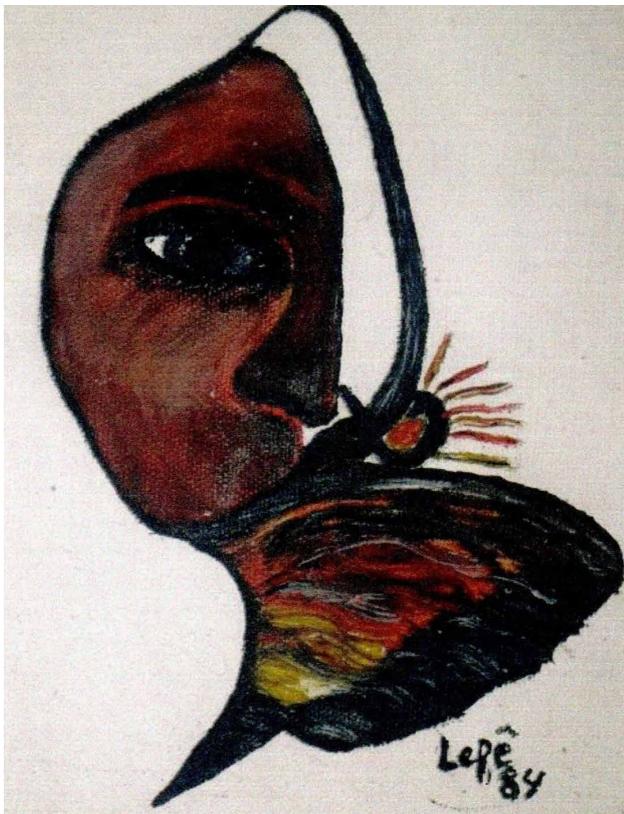


Fonte: acervo do autor.

Esse desenho passou 32 anos separado

de mim. Foi dado de presente a uma pessoa muito querida em Aracaju. Vivia na sala de sua casa. De repente ela morre e sua irmã traz seus filhos, para Natal (RN) e o desenho entre seus pertences. Ela (irmã) ouve falar de mim no Recife por uma colega, e pede para que me entregue. É desconcertante viver sob o olhar de um palhaço espreitador. “Matheus pariu, Matheus que balance”, diz o dito popular.

Figura 11 – Olho-espada



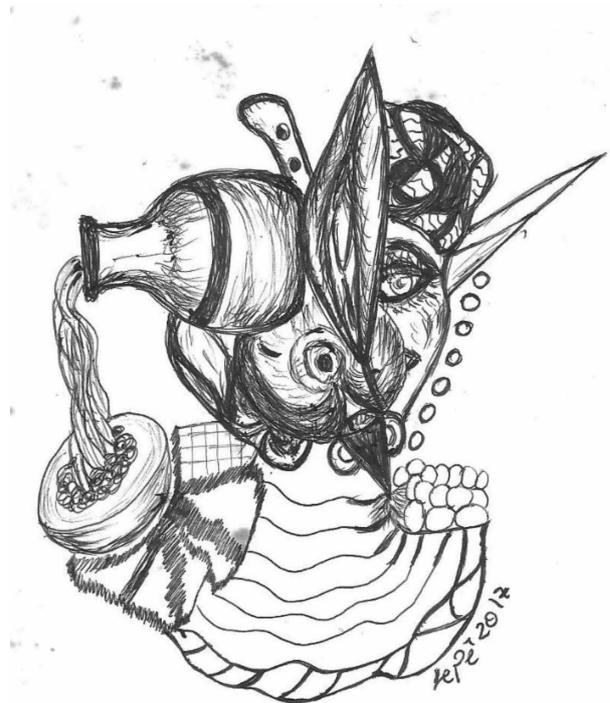
Fonte: acervo do autor.

Neste olho sempre à espreita, esta leveza é enganosa como a espada, sempre disfarçada em língua ou o inverso, para ser vários. “Zau” é o que carrega as compras no carro de mão, o que morre de medo de eletricidade, mas sabe fazer gambiarra; um “pedreiro de mão cheia”, mas não gosta de frequentar casas alheias pra não dar ousadia a perguntas sobre sua vida, em tempo nenhum dos verbos: mas conhece pelo olhar, quando alguém sente dor.

Que idade teria “Zau”? – “Doze redondoze, vinte e quatro com quatorze” – respondeu o

“Eu” Fonte. A resposta é um engodo, um teorema, é o que menos importa ao que correu pra não morrer, mas transfigurou-se pra poder trazer à vida a vida. E que nome teria em sua certidão de nascimento?

Figura 12 – Parto e partida



Fonte: acervo do autor.

Quase sempre na vida precisamos saber-mo-nos vivos diante das nossas mortes. Eu ainda hoje não sei como compreendi a morte de uma filha. Eu racionalmente explico: “veio abrigar a mãe, parabenizar a Luís Inácio pela vitória na sua primeira eleição presidencial (2002), fazer com que eu não desistisse de me tornar acupunturista salvando-lhe a mãe numa pré-eclâmpsia, depois disse: ‘hasta luego’”. O parto, daquela que viveu apenas 14 dias, está sendo narrado na Figura 12.

Exuperry, em seu *Pequeno príncipe*, diz que “somos responsáveis pela rosa que cativamos”, coisa que virou jargão para todos os atos de bondade e afeto dos anos 1970, pelo menos no meu derredor. Isso, acompanhado de Herman Hess com seu *Sidarta*, nos sugerindo meditar

na Natureza para acalmarmos o coração; e o libanês Khalil Gibran, com *O profeta*, nos propondo o desapego em todos os sentidos, sem propor em momento algum o abandono, mas o direito à liberdade. A juventude rebelde da época decorava: “nossos filhos não são nossos filhos, mas filhos do mundo etc.”, e haja levar tabefe para “deixar de dizer besteira” (risos), diziam as mães.

É princípio da arte partir do particular, da relação íntima do artista com a matéria. Em alguns artistas, o caráter biográfico é tão evidente que passa de fato a ser a própria poética artística um modo de relação tão imbricada que não se faz possível separar história pessoal e arte (De Oliveira, 2021. p. 230).

E como se poderia separar o sujeito do que ele pensa? No caso do trabalho (auto)biográfico, é o próprio indivíduo o objeto de sua reflexão. Nessa perspectiva, é possível dizer que “a pesquisa (auto)biográfica inclui em seu domínio a multiplicidade de áreas consideradas canônicas e as propostas emergentes que constituem territórios ainda inexplorados” (Passeggi, 2010, p.110), como por exemplo, o conto literário brincando com o desenho numa atualização da memória histórico-identitária. Quando dona Lu em desespero grita pelo “Nego Zau”, que vai com seu carro de mão, voltando de uma entrega de compras, resmungando uma canção, ele para e só escuta:

– *Seu Zau, pelo amor de Deus, acuda... Chame um médico ... minha filha está se esvaindo em sangue e o menino está saindo...*

– *Calma! Calma Dona Lu ... Só não tem jeito para a morte!*

(Correia, 2015, p. 149-150).

Nesse instante, a síntese comunitária se faz presente na confiança posta no outro e a resposta vem de imediato: nós resolveremos isso, leia-se. Ele deixa o carro de mão no canto da estrada, entra na venda de dona Leta,

pega um rolo de saco plástico, deixando-a perplexa, e sai correndo. Vendo uma aglomeração no portão da casa de dona Lu, pula o muro e entra.

Foi à cozinha, e viu uma garrafa térmica. Balançou, destampou, cheirou e despejou o conteúdo quente numa bacia plástica que tirou da prateleira. Botou mais dois canecos de água do pote grande, ao lado do armário, e correu para o quarto [...] (Correia, 2015, p. 150).

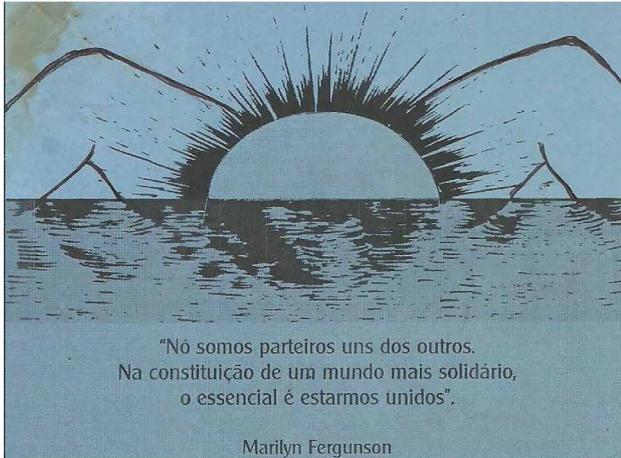
Diga-se de passagem: sem largar o rolo de sacos plásticos. Mas que memórias foram essas evocadas e presentificadas no “Nego Zau”? A calma e a rapidez se juntam e a prática das negras velhas parteiras se associaram porque, ao entrar no quarto Zau pede uma tesoura, álcool e algodão, se por acaso tivesse. Mas, isso não é das antigas, principalmente tirar a camisa suada e vestir as mãos com dois sacos plásticos. Será que dona Noca, a velhinha que fez o parto de dona Benedita, minha mãe, na Travessa da Colina, agiu assim? Mas eu estou aqui: vivo, são e salvo. Prestaram atenção no desenho da cozinha? Houve um suspense e um silêncio de quem estava presente no quarto, que só foi quebrado pelo barulho da sirena. Polícia ou ambulância? Há perícia nas mãos do homem sem camisa em fazer o parto. As enfermeiras que entram se estarrecem. Uma delas arregala os olhos e:

– *Doutor Isaac? Meu Deus ...!!! – Ele pediu silêncio e ela pergunta: -‘O Senhor precisa de mim?’ – Ele pede para que ela ponha as luvas e lhe traga mais algodão. Em seguida corta o cordão umbilical e lhe entrega a criança.*

– *Agora é com vocês ... - diz o ‘Nego Zau’ - Faça a assepsia e a coloque sobre a mãe.*

– *Mas doutor ...por onde ...?!!*

“Nego Zau” fica sério, põe o indicador sobre os lábios, levanta-se e sai de vagar, como um monumento de ébano suado. Seu dorso brilha, desta feita, renascido.

Figura 13 – Nascimento

Fonte: acervo do autor.

Atônitos, os presentes não sabiam para onde dirigirem o olhar ... O tempo estava mudo.

– Bem-te-vi, bem-te-vi!

Um pássaro distraído pousara no para-peito da janela. O 'Nego Zau', com um leve sorriso irônico, tirou as luvas improvisadas, pegou sua camisa que estava entrouxada num cantinho e, leve como uma sombra ao se esconder o sol, saiu ... O silêncio foi cortado mais uma vez. Agora, pelos gritos da recém-nascida (Correia, 2015, p.152).

"Eu não sei porque todas as vezes que eu leio ou descrevo esta cena, eu choro. Não consigo conter minha emoção. Agora, por exemplo: 9/02/2023, às 17horas e 35 minutos desta quinta-feira)" (Correia, 2023, p. 207). O que me chama a atenção nesse jogo numérico descrito, em relação ao dia 9, é que este número somado ao mês (2), fevereiro, mais o ano (2023), tem como resultado o mesmo nove. Nas cartas do tarô, é o número do Eremita, ou a Lâmpada Velada. "A figura de um sábio, ou filósofo carregando um lampião numa das mãos e um báculo na outra. Representa a alma peregrina, o homem que busca a verdade" (Sepharial, 1984, p. 184). Pretensiosamente, posso dizer que este "Eu" Idêntico tem a função de expandir a reflexão, ao mesmo tempo em que se ensimesma enquanto ermitão ou eremita; o que no mundo intelectual, através do ensimesmar-se, adquire a prudência, instrumento basilar da

memória dos sábios. Compartilhar a clareza para que todos possam ser.

"Perder a memória ou sofrer a interdição da memória é como levar na amplidão abissal do não ser. Quer queiramos ou não, poder reabrir o passado e inventar o porvir, pela mediação da palavra, constituem a inefável condição biográfica do humano" (Passeggi, 2012, p. 29). O "Nego Zau" traz esta memória tatuada no ser, "que é expressada na calma e na reflexão ao ser convocado, por seu juramento, a fazer o parto, ao sentir evocada sua memória profissional ainda viva, e na agilidade e organização do conhecimento ancestral" (Correia, 2023, p. 207).

"Esta coisa é conservada no oráculo por Orunmilá, o Senhor do Destino, onde esse nove (9), vai representar no *Odu Osá*² "pessoas de personalidade forte, com grande inteligência, lutadoras e que contam com a proteção de Orislá e Sângó" (Beniste, 2000, p. 130). A calma do primeiro Orisá e sua habilidade em criar, unida ao fogo da justiça e o amor pelas crianças, do segundo Orisá, redundaram em perfeição no trabalho do "Nego Zau".

A reflexão feita, em alguns parágrafos acima, pela professora Passeggi (2012), dialoga com a crítica anticolonialista do professor Fonseca Jr (1988), quando ela (professora) descreve o perigo que representa ao ser humano a interdição de sua memória, sob o risco do esfacelamento civilizatório pela perda de referenciais como, linguagens e pensamentos que possam balizar suas histórias de vida. Enquanto ele (professor), afirma veementemente – como se estivessem os dois numa conversa – que essa crueldade esteve presente na postura eurocêntrica na África (Correia, 2023, p. 208)

Ao estudarmos sobre o colonialismo, "sabemos que um dos princípios básicos de qualquer domínio estrangeiro (colonialista) é a destruição psicológica dos mitos, lendas, tradições e

2 *Odu* – termo yorubá (Nigéria, oráculo de Ifá), predestinação (Fonseca Jr., Eduardo. *Dicionário Yorubá*, 1988, p. 295).

conceitos locais do povo a ser dominado, pois, dessa forma a submissão será pacífica e duradoura” (Fonseca Jr., 1988, p. 20).

A isso eu chamo de reconhecimento conspiratório. Como vemos, os conspiradores, mesmo sem se conhecerem, tecem argumentos, de maneira parceiras, que contribuem, por meio da reflexão, com a busca de soluções políticas para o bem das gerações posteriores. Interação e resultado: essência e dinamismo do elemento fogo, o resultado da relação do ar com o movimento.

Figura 14 - A Senhora dos Ventos (Oya Mesan)



O aspecto do ar que Oya representa, é o vento e, em particular, a tempestade e o “relâmpago (ar mais movimento = fogo); e está associada aos ancestrais masculinos que ela dirige e maneja. [...] O elemento fogo, [...] constitui seu aspecto dinâmico e essencial. [...] Oya é o aspecto feminino de Sàngó (Xangô)” (Santos, 1986, p. 95).

O feminino e o masculino do vermelho individualizado são representados pelo casal que, em interação, representa o relâmpago no

feminino e o trovão no masculino. Essa interação gera um terceiro elemento: o raio, que representa o corpo de Sàngó na pedra de fogo que desce dos céus. “Na realidade os *edùn-àrà* (pedra do raio), são machados de pedra desencavados, que se considera terem sido lançados por Sàngó” (Santos, 1986, p. 96). O Osé-Sàngó³: transmissor de àse vermelho, o que nos assegura viver e reproduzir (Figura 15)

Pode-se constatar que, de maneira espontânea, surge um diálogo em torno de uma temática convocada pela professora Passeggi (2012) que, em seu discurso contra a interdição da memória, provoca a entrada de Fonseca Junior (1988), que, tomando para si a exemplificação, esboça uma crítica ao colonialismo castrador das expressões dos povos africanos, fazendo morrer suas histórias e direitos de pensar por si, remexendo os aprendizados da cultura, o que leva Santos (1986) a evocar as raízes mitológicas dos yorubá para explicar a interação entre os gêneros e os elementos da natureza dentro de uma outra cosmovisão. Virou mesa redonda!

“Negô Zau”, como bom anfitrião, deitou e rolou. Fez o maior carnaval. Mas carnaval de vida, de surpresas. Levou-me à reflexão sobre as diversas formas de ser que conduzo em mim, enquanto homem negro praticante de ritos ancestrais, despertando-me comandar minha própria fala, às vezes interdita pelo peso da recondução do dizer acadêmico. Como falar de Orisá sem as ligações e enredos com as outras partes da natureza, sendo várias e uma só?

Neste artigo, a narrativa encontrou parceria com os desenhos que descobri como traços e traçados de mim e do meu “Eu” Idêntico, revelando-me, em algumas vezes, determinados sentimentos que há muito tinha esquecido; me fez duvidar se era eu o desenhista. Uma espécie de autobiografização, em que por muitas

³ Machado de duas lâminas consagrado a Sàngó, e símbolo da justiça.

vezes fiz uma atualização de mim em relação ao que produzi. Redesenhei-me por várias vezes e me senti profeta, quando a imagem casava com o texto, com as frases dos autores e autoras que estiveram aqui a dialogar. Mas como?, se faz tantos anos que eu fiz esse desenho.

Poderíamos dizer que houve a base documental de Zau. O conto me reeducando para a organização da minha história como diante de um espelho, observava que as memórias do personagem estavam sempre disponíveis.

Figura 15 – Buscando justiça



Fonte: acervo do autor.

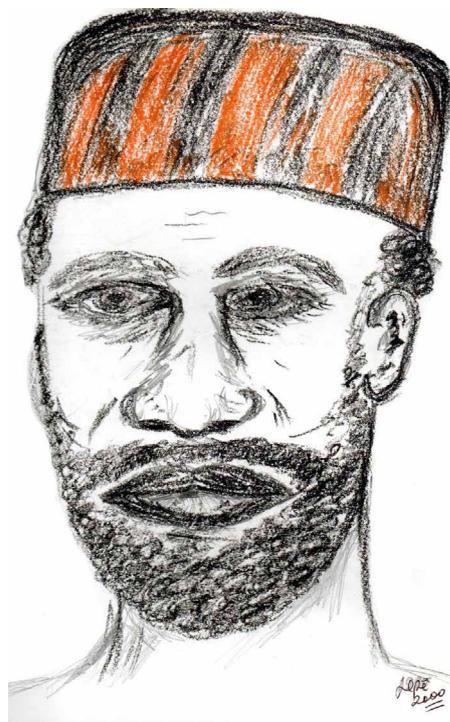
O que será que ele cantava quando tinha que arrumar as ideias? A pedrada mudou o rumo. Desde a pedrada, eu queria fazer a ligação com algo semelhante, mas não encontrava. Ao encontrar a ideia de que “[...] a história pessoal como matéria para a criação em arte é oportuna por levantar a identificação de que, em certa medida, toda arte é biográfica” (De Oliveira, 2021, p. 230), fiz a ligação com um acidente que me aconteceu quando eu morava no Beco do Lixo. Com uma pedrada, um “desordeiro”, sobrinho de dona Joaquina, lascou minha cabeça. Tivemos um bate-boca, ele era mais forte e eu corri, mas não fiz o zig-zag.

Lembro da pancada, da dor e do sangue escorrendo pelo meu pescoço.

Faço mais um *link* de “Zau” com a palavra *jakutá*, que em Yorubá tem o significado de “brigar atirando pedras”. No conto está descrito que uma pedra impulsionou a mudança na vida do “Negó Zau”, quando, ao passar por um posto de gasolina, observa no meio da confusão algo chocando-se contra o para-brisas de um automóvel e, em seguida, sentiu o impacto e a dor provocada por uma pedrada em suas costas. *Jakutá* também é um dos nomes do Orisá Sàngó, o símbolo da antimorte, assegurando sempre a vida e a reprodução.

Sem contar que “Zau” também faz lembrar *Nzazi*, o *Nkise* (divindade kongo-Angola) responsável pelo fogo, justiça e a alegria de viver. O “Negó Zau” tornou-se preservador da vida. Enquanto médico era um parteiro. Enfim, este texto é todo esse desenho onde faço uma releitura de mim, a reeducação desse meu “Eu” Idêntico pelos caminhos e encontros que levarão a outros “eus”, pelo menos, a alegria de saber que é possível redesenhar.

Figura 16 – “Negó Zau”



Fonte: Acervo do autor.

Considerações finais

Figura 17 – Autorretrato 2



Fonte: acervo do autor.

Um dos propósitos iniciais deste trabalho, dentro dos estudos (auto)biográficos, foi construir e interpretar o discurso do meu “Eu” Idêntico narrando a mim mesmo, exibindo as façanhas apreendidas, aprendidas e executadas, utilizando-me do desenho, da pintura e da fotografia.

Dar o braço ao “Nego Zau” e me propor a contribuir com a pesquisa (auto)biográfica e a educação, para mim, é uma verdadeira odisseia, posso dizer até uma afoiteza. Mas valeu a pena dialogar com os textos de vários expoentes da (auto)biografia, nacional e internacional, solicitando para que sejam clementes para comigo, caso não tenha conseguido me aproximar da alma de seus excelentes trabalhos, tão gentilmente a mim ofertados pelo professor Edilson Souza, meu orientador.

A pesquisa (auto)biográfica tem me trazido descobertas de peso, com valores simbólicos interpretativos incomensuráveis dentro

de minha trajetória de vida. Apesar de, ainda, claudicante e medroso nessa seara por mim pouco conhecida, as experiências lembradas compostas de vários sentimentos são o que me fazem seguir em frente.

Parodiando Souza (2006), posso dizer que a utilização de lembranças é uma forma de traçar escritas de e sobre si mesmo, provocando um bate-papo entre o que se viveu e o que nasce dos aprendizados do vivido que vai nos formando vida afora e nos transformando em admiradores de nós mesmos e dos outros, nas experiências do seguir sendo.

Tudo isso faz com que as histórias de vida sejam o resultado do escutar-se a si mesmo dentro de uma perspectiva de autoconhecimento, como autocapacitação no compreender que não estamos no mundo a passeio, mas com uma função e compromisso de crescimento extensivo à pluralidade.

O método (auto)biográfico pode me conduzir, no palco do desenhar-se desse meu “Eu” Idêntico, ao encontro de verdades sobre mim mesmo, não como as confissões eclesiásticas do século XII, que sujeitavam as pessoas, por ser um dispositivo de poder, mas algo que liberta e proporciona autonomia à nossa formação em diversas áreas do conhecimento. No meu caso, exercendo funções de psicólogo, pesquisador de assuntos étnico-raciais, desenhista, escritor, poeta e aprendiz, principalmente em educação, enquanto professor. Como eu poderia imaginar que inocentes traços em pedaços de papel e/ou tela pintadas por diversão e experimentação pudessem ser espaços em que meu “Eu” Idêntico era conduzido; que como sacolas – contos e desenhos – carregavam tantas identidades e uma variedade de “eus” que, escritos à noite por diversão, estivessem a me educar com tanto zelo e me embalando nos galhos de suas histórias que, aos poucos, me historicizavam?

Referências

- BENISTE, José. **Jogo de Búzios: o encontro com o desconhecido**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço para uma auto-análise**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- CORREIA, Lepê. “Nego Zau”. In: RIBEIRO, Esmeralda. **Cadernos Negros 38: contos afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2015. p. 15-18.
- CORREIA, Severino do Ramo. **A educação enquanto palco (auto)biográfico: o “eu” idêntico de Lepê Correia**. 2023. 252f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal-RN: EDUFRN, 2014.
- DE OLIVEIRA, G. C. Poéticas da memória. Christine Delory-Momberger e fotografia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 6, n. 17, p. 224–234, 2021. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2021.v6.n17.p224-234. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9107>. Acesso em: 29 mar. 2023.
- FONSECA JUNIOR, Eduardo. **Dicionário Yorubá (Nagô) Português**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1988.
- HAMPÂTÊ BÂ, Amadou. “A Tradição Viva”. In: KI_ZERBO, Joseph. **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ed. Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. p. 167-212.
- PASSEGGI, Maria da Conceição & SILVA, Vivian, Batista da (Org). **Invenções de Vida, Compreensão de Itinerários e Alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- PASSEGGI, Maria da Conceição & ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto (Org). **Dimensões Epistemológicas e Metodológicas da Pesquisa (Auto)biográfica**. Tomo II, Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS5; Salvador: EDUNER, 2012.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: Pade, Asèsè e o culto Egun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SEPHARIAL. **Manual de Ocultismo**. Rio De Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- SOUZA, Edilson Fernandes de. **À Luz do Candeeiro e o Constructo do “Eu” Fonte: Educação pela Arte, Ciência e Política**. Tese promoção ao cargo de Professor Titular da UFPE (Centro de Ciências da Saúde), Recife, 2020.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de si: estágios e narrativas de formação de professores**, Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA:UNEB, 2006.
- WEIS-BOMFIM, Patrícia. Lepê Correia. DUARTE, Eduardo de Assis (Org). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 3, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 135-144.

Recebido em: 30/04/2023
 Revisado em: 30/11/2023
 Aprovado em: 28/11/2023
 Publicado em: 30/12/2023

Severino do Ramo (Lepê) Correia é doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisador das Tradições e Culturas Afras e Brasileiras. *E-mail: lepecorreia@gmail.com*